

Vindo para as Emissoras Associadas, J. Silvestre passou a se alternar com José Castellar na autoria das telenovelas. Nessa fase, elas tinham de treze a dezesseis capítulos aproximadamente, permanecendo no ar por uma média de dois meses, com dois episódios semanais.

No teleteatro, os grandes eventos ficavam por conta dos espetáculos das segundas-feiras, ainda sem título definitivo e patrocinador fixo. As encenações — em março de 1952 — de Deus Ihe Pague, famosa criação de Procópio Ferreira nos palcos e da peça Massacre, que alcançara enorme sucesso tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, ajudaram a firmar de vez o gênero.

Em maio de 1952, as transmissões de segunda a sábado passaram a começar ao meio-dia, interrompendo-se por volta das 14:00 h. Entre 16:30 e 17:30 h, a emissora voltava ao ar com uma programação dedicada "às donas-de-casa e às crianças". Às 19:30 h, a PRF-3 TV Tupi retornava uma vez mais as suas atividades, com sua programação noturna. Entre as atrações oferecidas destacavam-se Pantomima Circense, com a dupla de palhaços Fuzarca e Torresmo, Chicharrão e Walter Stuart; Club dos Artistas; Alma Cabocla, de Pereira da Silva; Senhores Jurados, produção de Júlio Nagib, com "grande elenco de comediantes", (5) Circo Bombril produção de Walter Stuart, e Pequenos Virtuoses em Grandes Pianos, oferta dos Pianos Schwartzmann.

Mas a grande atração da televisão era o teleteatro, onde as apresentações de Procópio Ferreira se sobressaíam, constituindo-se antes de mais nada numa valorização da televisão e suas possibilidades.

Dando continuidade à temporada que estava fazendo na PRF-3 TV Tupi, em 5 de maio de 1952, Procópio interpretou Lição de Felicidade, de Somerset Maugham. Mas ele não era a única atração. Poucos dias depois (9 de maio), Madalena Nicol e a Sociedade Paulista de Teatro levaram outro texto bastante conhecido: Luz de Gás (6), de Patrick Hamilton. No dia 12 foi para o ar A Mulher sem Rosto, de Maria Wanderley Menezes, com Procópio Ferreira.

Os eventos teleteatrais ficavam cada vez mais freqüentes. Na noite de 16 de maio, a TV Tupi apresentou nada menos do que três programas do gênero: Histórias para Crianças, A Jóia Roubada, produzido por Dionísio Azevedo e O X do Problema, policial produzido por Mário Fanucchi.

No dia 27 desse mês, apareceu no Diário da Noite um artigo intitulado O Teatro na Televisão (7), o primeiro publicado a respeito do assunto. Por sua importância histórica transcrevemos o texto na íntegra:

"Com o advento da televisão, ocorre singular fenômeno no comércio das artes de representação. Enquanto, por um lado, o cinema já se rivaliza ferrenhamente com a TV pela disputa de interesses comerciais que se entrecrocaram, por outro, o teatro se revela precioso aliado. O fato se explica através de uma série de circunstâncias historicamente curiosas. Datam os acontecimentos da introdução do cinema mudo. Não foi aí, entretanto, que o teatro sofreu grande abalo. Continuou a pontificar na preferência do público, enfrentando com superioridade o competidor. Quando, porém, o cinema falado se tornou uma realidade, a sua capacidade de resistência se quebrou. Hollywood se ergueu tão poderosamente, surgiu com tal ímpeto avassalador, que o teatro reconheceu ter sido mortalmente golpeado. Se não chegou a sucumbir, agonizante ficou. Comercialmente, repito, para que não haja confusão. Eis que se opera, então, um milagre nos domínios da eletrônica, possibilitando a transmissão da imagem à distância. Uma nova e não menos poderosa indústria se erigiu. Desde logo o elemento da ribalta sentiu que era a ocasião asada para readquirir, senão o público que perdera, pelo menos o prestígio que com ele desfrutara, difundindo a sua arte por intermédio de um veículo que se afirma com extraordinária força de penetração. E foi o que aconteceu. Esta aliança TV-Teatro, além de proporcionar o ressurgimento deste último com novo alento, revelando-se, inclusive, a platéias de uma geração que lhe era estranha, tem também o sabor de uma desforra contra o adversário que o esmagou em tempos idos. Ele colabora decisivamente na marcha incoercível da televisão, em prejuízo dos interesses comerciais do cinema. Esse choque, aliás, das indústrias cinematográficas e televisoras, não deve ser motivo de maiores apreensões. A luta é de dólar contra dólar. Vencerá o que estiver melhor equipado. E segundo o nosso modestíssimo, mas infalível palpito, levará o melhor o que surgiu por último. É uma questão de lógica: se não estivesse em condições mais favoráveis, a televisão, ao ensaiar os primeiros passos, teria sido implacavelmente devorada pelo leão de Hollywood."

(5) Diário da Noite, 10 de maio de 1952.

(6) Gás Light, de Patrick Hamilton. Essa peça foi adaptada para o cinema em 1944, com direção de George Cukor. O filme, que alcançou grande sucesso, era interpretado por Ingrid Bergman e Charles Boyer.

(7) Jorge Ribeiro, O Teatro na Televisão, Diário da Noite, São Paulo, 27 de maio de 1952, 2ª edição, p. 6.